

O “DESCOBRIMENTO” DO BRASIL RETRATADO PELO VIÉS DA LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL: *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000) e *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003)

THE “DISCOVERY” OF BRAZIL PORTRAITED THROUGH THE CHILDREN’S AND YOUTH’S BRAZILIAN LITERATURA: *Luana, a menina que viu O Brasil Neném* (2000) and *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003)

Matilde Costa Fernandes de Souza (Unioeste/Cascavel-PR/Brasil)¹
Rosângela Margarete Scopel da Silva (Unioeste/Cascavel-PR/Brasil)²

Resumo: Este estudo propõe a análise das obras *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000), de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, e *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003), de Maria José Silveira, visando compreender como se deu o processo de construção da história do Brasil, ponderar os pontos que se aproximam ou se distanciam e os efeitos descolonizadores da leitura dessas obras na escola. Para tal análise, pautamos nos pressupostos teóricos da Literatura Comparada a fim de demonstrar de que modo essas narrativas híbridas de história e ficção reelaboram o passado, bem como os aspectos capazes de ressignificar a historiografia do descobrimento do Brasil, tecendo relações com o discurso histórico oficial. A proposta de escrita se efetiva a partir da análise bibliográfica e de forma comparativa entre o discurso da história e a escrita ficcional das obras literárias que fazem parte do *corpus* ficcional desta leitura. Para as reflexões que expomos, embasamos-nos nos aportes teóricos de Fleck (2017), Carvalho (2006), Nitrini (2010) e outros. Assim, buscamos evidenciar que o discurso posto e oficializado na historiografia não altera o passado, porém, possibilita-nos desmitificar e desconstruir as verdades impostas e começar um processo de descolonização tão necessário à nossa sociedade.

Palavras-chave: Ressignificação do passado; literatura infantil e infantojuvenil; *Luana, a menina que viu o Brasil neném*; *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003); gêneros híbridos de história e ficção.

Abstract: This study proposes the analysis of the books: *Luana, A Menina Que Viu o Brasil Neném* (2000), by Aroldo Macedo and Oswaldo Faustino, and

¹ Mestre em Letras pelo Profletras/Unioeste, Cascavel-PR, docente da Escola Municipal José Henrique Teixeira e Colégio Estadual Marcos Claudio Schuster, Cascavel-PR. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, liderado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. E-mail: mcfernandes76@gmail.com

² Mestre em Letras pelo Profletras/Unioeste, Cascavel-PR, docente do Colégio Estadual Doze de Novembro, Realeza-PR. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, liderado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. E-mail: rosangela.margarete@hotmail.com

Tendy E Jã – Jã e os Dois Mundos na Época do Descobrimento (2003), by Maria José Silveira, aiming to understand how the process of construction of Brazilian history took place, to ponder the aspects that approach or distance from each other and the decolonizing effects of reading these books at school. For this analysis, we will be guided by the theoretical assumptions of Comparative Literature in order to demonstrate how these hybrid narratives of history and fiction rework the past, as well as the aspects capable of reframing the historiography of the discovery of Brazil, establishing relations with the official historic discourse. This work stems from the bibliographic analysis and by establishing a comparative analysis between the discourse of history and the fictional writing of literary works that are part of the fictional *corpus* of this reading. For the reflections we have exposed, we rely on the theoretical contributions of Fleck (2017), Carvalhal (2006), Nitrini (2010), and others. Therefore, we seek to show that the discourse put and made official in historiography does not alter the past. However, it allows us to demystify and deconstruct the imposed truths and to begin a much-needed decolonization process in our society.

Keywords: Re-meanings of the past; juvenile and infant-juvenile Literature; *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000); *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003); hybrid genres of History and fiction.

Introdução

A chegada dos portugueses no território brasileiro marcou uma série de encontros, experiências, massacres, explorações e sobrevivências dos povos autóctones que aqui viviam. Segundo o discurso oficial historiográfico que os livros de história nos apresentam, em 22 de abril de 1500 chegou ao Brasil, no estado da Bahia, a caravana do português Pedro Álvares Cabral, e que, ao acostar-se em terra firme, encontrou os indígenas, pessoas diferentes deles, que designamos como os verdadeiros dono do local, os habitantes nativos das terras do Brasil. Nos relatos do escriba Pero Vaz de Caminha, o autor descreve que o encontro foi pacífico e marcado pelo estranhamento, pelo choque cultural entre os dois povos.

Diante de tanta terra e uma exuberante mata, os portugueses deram conta de que o espaço era fértil e possuía inúmeras matérias-primas de grande valor. O encontro pacífico não durou muito e os colonizadores passaram a explorar, enganar, escravizar e eliminar os indígenas.

Analisando a palavra “descobrimiento”, acreditamos que esta não condiz com o contexto, pois, para os portugueses, a descoberta era o Novo Mundo; porém, para os indígenas, tratou-se de uma invasão de seu território. Assim, o que conhecemos como “descobrimiento do Brasil” é um dos episódios discursivos que precisa ser esmiuçado, desmitificado, contextualizado e ressignificado e, por isso, ao longo do artigo, sua grafia vem acompanhada com o uso de aspas.

Diante do exposto, buscamos como *corpus* obras literárias que abordam este acontecimento, e para isso, privilegiou-se a análise comparativa entre as narrativas *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000) e *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimiento* (2003). A escolha desse *corpus* deu-se pelo fato de as obras apresentarem questões singulares sobre a história do descobrimiento do Brasil, bem como contrastarem fatos com discursos e visões diferenciadas ou aproximadas.

As duas narrativas retratam, por via da história e da ficção, os aspectos do colonizador e do colonizado, destacando como personagens o indígena, o negro e o grumete, personagens extraordinárias, figuras-chave na ocupação e colonização do Brasil, pessoas que sempre estiveram apagadas e silenciadas no processo histórico de constituição do nosso país.

Investigar as obras literárias de Aroldo Macedo e Maria José Silveira significa, portanto, uma tentativa de desmistificar o discurso historiográfico burguês pujante em nossa sociedade e possibilitar aos leitores uma visão verossímil dos fatos narrados.

Diante de tais fatos, buscamos, por meio das narrativas híbridas de história e ficção e da Literatura Comparada, desconstruir as concepções e/ou enredos das histórias tradicionais referentes ao período da colonização e, com isso, problematizar o discurso hegemônico vigente para concebermos outras visões do passado além daquelas consagradas pela história. Assim, sobre os primeiros contatos entre colonizadores e povos da terra, deparamo-nos com interpretações contraditórias que nos deixam em dúvida sobre o que realmente aconteceu durante esse período.

Para analisarmos os fatos históricos, contestando-os ou afirmando-os, buscamos subsídios na Literatura Comparada, que é o ramo dos estudos literários responsável por estabelecer relações de interpretação entre expressões artísticas de diferentes nações, bem como entre a linguagem empregada na expressão da obra. Tânia Carvalhal afirma que a Literatura Comparada “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2006, p. 6). O estudo em tela implica a investigação que confronta essas duas literaturas, a escrita de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino em *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000) e a de Maria Jose Silveira em *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003).

Para Pichois e Rousseau, a Literatura Comparada é:

[...] a arte metódica, pela busca de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo e no espaço, desde que pertençam a várias línguas ou culturas, que façam parte de uma mesma tradição, para melhor descrevê-los, compreendê-los e saboreá-los (PICHOS; ROUSSEAU *apud* NITRINI, 2010, p. 30).

Por meio da Literatura Comparada, podemos compreender novas tradições e culturas da expressão artística ou do conhecimento de fatos literários e extraliterários, singulares ou plurais. A análise comparatista entre as duas obras acima mencionadas, que abordam o descobrimento do Brasil, possibilita-nos encontrar não um fim, mas um meio de se compreender possíveis aproximações e distanciamentos dos fatos que marcaram todo esse processo histórico.

Redescobrimo o Brasil por meio da Literatura Infantojuvenil

Sobre as obras selecionadas para o presente artigo – *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000), de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, e *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003), de Maria José Silveira –, a primeira é catalogada como literatura infantil e a segunda como literatura infantojuvenil. Porém, ambas, em seu discurso, abordam, pelo viés da

história e ficção, o “descobrimento”, mostram o início da colonização brasileira e traz fatos que marcaram a vida das pessoas excluídas da nossa sociedade.

Vemos, na literatura infantil e infantojuvenil, uma possibilidade de mediar caminhos para que o aluno desconstrua, questione ou critique o que lhe é ofertado, uma vez que, por meio da leitura, o indivíduo tem contato com situações que se aproximam de sua realidade, o que o instiga a refletir sobre seu cotidiano. Assim,

[...] quando o que se deseja é formar uma criança que tenha princípios e valores capazes de recriar um mundo melhor, a literatura infantil tem que ser considerada como um auxílio importante, porque é capaz de possibilitar acesso ao real sem impedir a riqueza do imaginário. (SANTA'NNA, 2004, p. 32).

O exercício de leitura do texto literário, segundo Candido (1972, p. 3), “[...] serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade [...]”, visto que

mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. (CANDIDO, 1972, p. 4).

Constatamos que, para o autor, toda obra literária tem o poder de humanizar, pois pressupõe a superação do caos. Para complementar essa ideia, ressaltamos, pautando-nos em Candido, que “o processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo” (CANDIDO, 2008, p. 6).

Quando buscamos analisar a literatura com enfoque no discurso do sujeito colonizado, possibilitamos aos alunos outras estratégias para reler, de forma crítica, o passado histórico pela ficção. Dessa forma, é por meio das práticas escolares que leituras descolonizadoras precisam começar a encontrar

espaço de discussão e efetivação. Cabe à escola o papel de formar leitores capacitados para estabelecer a leitura crítica do mundo.

De acordo com Zilberman,

[...] a leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

A obra literária atua em nosso subconsciente de forma que não percebemos, propiciando situações que nos remetem ao pensar sobre, a criar caminhos de superação, a reavaliar nossas atitudes. Zilberman (2009) compreende a literatura como uma atividade que possui um grande potencial e se mostra como uma ferramenta bastante completa, tanto para a vida do indivíduo no sentido particular, como para sua inserção no meio social.

É no processo de leitura que o leitor expande o seu conhecimento. Para tanto, é necessário que a relação do leitor com a literatura seja uma experiência única. Assim, nesse contexto de leitura, o leitor entra em contato com diferentes culturas, o que instiga a compreensão de seu papel como sujeito histórico.

A leitura literária vista nesse contexto de fluidez, desponta como um impulso para o mundo de significado e ressignificado e, portanto, deve ser inserida no mundo do leitor desde a mais tenra idade para que favoreça o desenvolvimento das capacidades criativas e críticas no decorrer de sua formação.

Dessa forma, neste estudo, buscamos, a partir das releituras do passado histórico, por meio da literatura, uma possibilidade de tratar a relevância que esta toma no universo do conhecimento. Ela funciona como aporte de aprendizado sobre as histórias que nos antecederam. Compreendê-las nos leva a refletir sobre o que somos e como pensamos, além de garantir que

possamos questionar quais fatores determinaram as condições sociais, culturais etc., que temos hoje. Assim, é importante destacar que

[...] a literatura é arte e arte é recriação, expressão da realidade. Criar é estar com todos os sentidos concentrados, com o inconsciente emergindo livremente. Em se tratando de leitura, é ir além dos códigos comuns, já gastos, para provocar o surgimento de uma leitura simbólica, tensa, intensa e emotiva, em que o leitor participa e tem espaço para criar e recriar, compartilhando com o autor, dele aprendendo e com ele estabelecendo um pacto, um constante diálogo, do qual há de resultar uma nova visão, um enriquecimento cultural e pessoal. Possibilitar a leitura da literatura em todos os seus níveis é, portanto, despertar no indivíduo as suas potencialidades criadoras; é dar-lhe espaço para agir no texto e no contexto, em que o conhecimento prévio do leitor constituiu-se, a priori, base fundamental para a efetivação do ato de ler criticamente. (FLECK, 2007b, p. 23).

Diante do exposto, exalta-se o valor da leitura, literária ou não, no ambiente escolar, bem como os benefícios que essa propicia na constituição do leitor, como o constante diálogo, uma nova visão, o enriquecimento cultural e pessoal e o despertar das potencialidades criadoras do indivíduo. Acreditamos que, com e a partir da leitura literária, o sujeito aprende a ler nas linhas e entrelinhas, a escrever e a interpretar o que está explícito e implícito.

Contextualizando o *corpus* escolhido para o estudo, expomos que o livro *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (MACEDO; FAUSTINO, 2000) relata a história de uma menina de 8 anos, negra, que mora em um quilombo, toca seu berimbau mágico e é transportada para o dia em que os portugueses aportam em terras brasileiras, revisitando, assim, aspectos da história do “descobrimento” do Brasil, a partir de um olhar de uma criança e com as perspectivas da cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Tal narrativa retoma vários aspectos que são recorrentemente acionados no discurso da história, com o propósito de atualizar a enunciação do “descobrimento” do Brasil. A menina Luana é capoeirista, aprendeu a luta como uma herança familiar, uma tradição que lhe foi passada e, nesta história, ela presencia e participa de uma série de ações que se dá em função da chegada dos portugueses.

Podemos afirmar que alguns acontecimentos históricos são sutilmente mencionados na diegese da obra como, por exemplo, o “descobrimento” do Brasil (1500). Esse fato é apresentado de forma mais simples e com um teor de acriticidade. O texto utiliza-se da magia, do humor, para focar a atenção do leitor e aguçar o imaginário infantil e aborda os aspectos históricos da colonização de forma romantizada.

A obra *Tendy e Jã – Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (SILVEIRA, 2003) conta a história de um menino e uma menina que estão inseridos na época histórica do “descobrimento” do Brasil. Tendy, uma índia tupiniquim, e Jã-Jã, um órfão francês que nasceu na Normandia, deixado na costa brasileira para aprender a língua dos nativos e, depois, servir de intérprete – prática bastante comum no contexto acima mencionado. Esses meninos são abordados em outras obras que retratam o “descobrimento” do Brasil. São grumetes que ficaram aqui e, a contragosto, foram incumbidos de conhecerem a terra e a língua. E quem eram esses tais grumetes? Segundo a descrição de Lopes (2008, p. 66),

[...] recrutados entre as famílias mais pobres de Portugal, aos grumetes cabia realizar diversos trabalhos nas naus. Muitas vezes alojados a céu aberto, com uma porção alimentar de baixa qualidade e escassa, castigadas constantemente por outros tripulantes, assolados por doenças, essas crianças eram as que mais sofriam no duro trabalho de seus cotidianos.

Essa citação destaca a situação de Jã-Jã, personagem de um dos *corpora* analisados. Quando eram órfãos, abandonados ou pedintes, os grumetes podiam ser recrutados como mão-de-obra para os navios. Todo o processo de exploração, assujeitamento e escravização começava nas embarcações. O trabalho duro era executado pelos grumetes, que eram submetidos a maus tratos, a fim de galgar seus espaços de desejos. Assim, a aventura do menino europeu Jã-Jã em terras brasileiras na companhia da índia Tendy rompe com o estereótipo, pois coloca o menino como o estrangeiro e não como o colonizador. O confronto entre duas culturas passa a ser narrado, então, de maneira igualitária e ganha contornos de um aprendizado mútuo, sem dualidades ou infantilização das duas partes.

A partir das obras apresentadas, fazem-se necessários os questionamentos relacionados a seguir: como se constitui a chegada dos portugueses no Brasil nas duas obras? Qual a representação (semelhanças e diferenças) do novo mundo percorrido nas obras? Que aspectos caracterizam o “descobrimento” da nova terra? Quem são as personagens envolvidas nesse processo histórico? E, para entrelaçar tal diálogo, cabe aqui uma questão relevante: que ações, enquanto professores e pesquisadores, propomos para os fatos elencados pela literatura frente aos aspectos da exclusão, da marginalização e do silenciamento das vozes dos explorados, vencidos nos discursos historiográficos?

Para estabelecer relação entre os questionamentos postos, buscamos no dicionário de conceitos históricos o significado de “descobrimento”:

Descobrimento é um termo tradicionalmente empregado pela historiografia latino-americana e ibérica, desde o século XIX, para se referir à chegada dos primeiros europeus à América e ao início da colonização desse continente. Designa, principalmente, as jornadas de Cristóvão Colombo, de Pedro Alvarez Cabral e dos muitos conquistadores espanhóis [...]. (SILVA, 2006, p. 93).

Diante de tal perspectiva, observamos que o “descobrimento” do Brasil é narrado em variados livros de história sob o viés eurocêntrico, sendo constantemente lembrado, transformado e reativado, conforme averiguamos anteriormente. De posse do significado da palavra e relacionando-o com as obras em tela, verificamos que os autores abordam o “descobrimento” do Brasil tendo como ponto de referência Porto Seguro. Vejamos alguns fragmentos das obras nos quais constatamos tal informação: “Nossa história acontece um pouco depois do descobrimento, perto da região que hoje é chamada de Porto Seguro, onde atracaram as primeiras naus portuguesas que chegaram ao Brasil” (SILVEIRA 2003, p. 09).

“– Ah, então é isso! Aqui é Porto Seguro, na Bahia, e hoje é 22 de abril de 1500. Nesse momento, está sendo descoberto o Brasil. Gente! O meu país está nascendo!!!” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 32).

O acontecimento narrado pelos autores aproxima-se do que é discorrido pelo discurso histórico oficial: que Pedro Álvares Cabral partiu de Lisboa, em março de 1500, e por acaso acabou chegando, em 22 de abril do mesmo ano, em terras que eram, até então, desconhecidas dos portugueses e dos demais europeus. Diante de tal fato, Cabral pediu a Pero Vaz de Caminha, que era o escriba oficial da esquadra portuguesa, que escrevesse uma carta ao rei português, relatando sobre o “achamento” da terra a qual foi nomeada de Vera Cruz:

22 de abril, quarta-feira [...]. Nesse mesmo dia, na hora das vésperas, avistamos terra! Primeiramente um grande monte, muito alto e redondo; e depois, outras serras mais baixas ao sul; e terra chã, com grandes arvoredos. Ao monte alto o Capitão deu o nome de Monte Pascoal e à terra deu o nome de Terra de Vera Cruz [...]. (TUFANO, 1999, p. 61).

Na obra *Luana, a menina que viu o Brasil neném*, o autor expõe o fragmento da carta e, na narrativa, relata aquilo que consta no discurso oficial: “Cabral ditava para esse homem, que se chamava Pero Vaz de Caminha, uma carta para o rei de Portugal. [...] – Tomei uma importante decisão. Vou chamar esta terra de Ilha de Vera Cruz... [...] Então escreve aí que vou chamar de Terra de Santa Cruz” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 33-36). Assim, verificamos que o colonizador é sempre enaltecido em todo o processo histórico de colonização. “Nessa história, está consignada apenas a visão do colonizador, pois aquela do colonizado foi sempre posta à margem, ignorada, silenciada e negligenciada” (FLECK, 2017, p. 57).

Vale também destacar que o título de um dos *corpora* se refere ao “nascimento” do Brasil, no qual, verifica-se uma tentativa de valorização da história do país. Luana descreve assim o episódio: “Ah, então é isso?! Aqui é Porto Seguro, na Bahia, e hoje é 22 de abril de 1500. Nesse momento, está sendo descoberto o Brasil. Gente! O meu país está nascendo!!!” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 32).

No outro *corpus*, observamos que o título apresenta a ideia do choque cultural que ocorreu entre os povos: “os dois mundos na época do descobrimento” (SILVEIRA 2000). “A menina avança devagarinho, e, ao chegar

mais perto abre a boca, surpresa: o pequeno monte é ... um menino! Um menino branquinho que nem beiju de mandioca, que parece dormir. Tandy se agacha ao lado dele, cheia de espanto. [...] Mas nunca tinha visto um menino branco!” (SILVEIRA, 2000, p. 12).

No livro *Luana, a menina que viu o Brasil neném*, outro aspecto analisado é o fato de que os autores fazem poucos apontamentos sobre a cultura e história indígena. Há somente a menção sobre os povos que habitavam o Brasil: “essa região toda se chama Pindorama, terra das palmeiras, e nela existem muitas nações, povos diferentes, com costumes diferentes. A nossa nação é tupiniquim, mas existem os povos tupi, guarani, aruaque, jê, caraíba, caiová e muitos outros” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 25). Contudo, salientamos que, na narrativa, em geral, prevalece o discurso sob a ótica branca e “estereotipada” desse encontro entre dois povos. Esse discurso do colonizador fixou-se no território e na mente do colonizado, que, ainda hoje, em sua grande maioria, não se reconhece como sujeito conquistado e colonizado pelo branco europeu.

O livro, porém, não dá destaque à outra enunciação comumente integrada: o massacre dos indígenas pelos colonizadores portugueses. A menina apenas alude aos conflitos que caracterizam o que foi o processo de colonização do Brasil que se deu após o “descobrimento”: “Achava que aqueles homens, que eles chamaram de perós, nunca mais iriam voltar. Quem dera isso fosse verdade! – pensa, preocupada, Luana, lembrando o que ainda irá acontecer com esse povo e sua terra” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 41-42).

Após a narração da chegada e da partida dos portugueses, Luana mostra-se preocupada e triste, porém, constatamos que, da forma como está organizada a sequência dos fatos, acontece uma reviravolta: a magia acaba e a menina retorna para o quilombo em que mora. Observamos que, na narrativa histórica, o autor faz a retomada desse massacre de forma pouco crítica e sem muitos questionamentos sobre o processo de colonização no Brasil. O que é exaltado no discurso é a visão branca europeia que narra, do ponto de vista do colonizador, como se deu o encontro entre portugueses e indígenas e o “nascimento” do país.

Além desse primeiro contato, a narrativa literária aborda a prática inicial do escambo, ou seja, a troca de uma mercadoria por outra num inaugural contato comercial. “Os portugueses lotaram as caravelas com tudo o que puderam, deixaram uns presentinhos bem sem graça para os tupiniquins e voltaram para o mar” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 41). Assim, em troca do pau-brasil, os portugueses davam toda espécie de objetos que, nem sempre, tinham utilidade ou valor. Mas os indígenas ficaram seduzidos pelos espelhos, colares, pentes, vasilhas e outros tantos objetos que eles não conheciam e que os portugueses trataram de lhes apresentar. Na obra *Tendy e Jã-Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003), a autora destaca essa prática realizada pelos europeus: “Juntos, os marujos descarregaram um baú de presentes para os índios: miçangas, espelinhos, tecidos coloridos, facões e machados. E lá os deixaram, baú e menino, entregues à própria sorte.” (SILVEIRA, 2003, p. 19).

O encontro dos portugueses com os indígenas é narrado no livro como algo realizado de modo harmonioso, expõe a alegria dos tupiniquins em receber os europeus. “Assim que as mãos se tocaram, foi uma gritaria só entre os tupiniquins. Todos batiam pés e mãos e começaram a soar os tambores” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 34). Para marcar o encontro, cantavam a seguinte canção:

Bem-vindos a Pindorama, homens do mar!
Que vieram montados em monstros de muitos braços e asas.
A nação tupiniquim tem tudo o que vocês querem.
Usem o que precisarem, mas por favor, não destruam nada:
Tudo isso pertence aos filhos dos nossos filhos (MACEDO;
FAUSTINO, 2000, p. 35).

A relação entre portugueses e indígenas narrada no livro retoma, explicitamente, um viés eurocêntrico presente na carta de Pero Vaz de Caminha, retratado em muitos livros de História do Brasil que circulam nas escolas: a chegada das caravelas; a cordialidade e a ingenuidade dos índios; a beleza das índias; a primeira missa; a descoberta do pau-brasil; os presentes dos portugueses, entre outros.

Esse é um ponto para questionarmos, pois, trata-se de uma ideia que precisa ser problematizada para que não se caia na unilateralidade do discurso imposto como oficial. Nesse processo de conquista e colonização que se iniciou há mais de meio milênio, de acordo com Fleck (2017), presencia-se o apagamento da memória do colonizado, uma vez que a história registrada foi aquela escrita pelos europeus em terras americanas. Dessa maneira, tem-se somente a revelação do olhar de quem detinha todo o domínio na época, daquele que se julgava superior. Os demais são silenciados, excluídos dos relatos oficiais. Dessa forma, o discurso de posse de Pedro Álvares Cabral em terras brasileiras narrado na obra sintetiza o que mencionamos anteriormente. Vejamos: “Eu, Pedro Alvares Cabral, capitão-mor da segunda esquadra portuguesa, a armada da índia, tomo posse dessas terras em nome de Dom Manuel, o Venturoso, rei de Portugal.” (MACEDO; FAUSTINO, 2000, p. 41).

Ressalta-se que, nos fatos postos, não se pensa na visão de quem já habitava a terra e, de repente, vê-se ameaçado pela colonização. Normalmente, essa história é vista através da visão dos colonizadores e de seus feitos. De acordo com Fleck (2017), o registro do encontro entre autóctones e conquistadores foi de domínio do colonizador, impingindo, assim, a sua versão sobre a história.

A obra *Tendy e Jã-Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003) apresenta dados históricos do “descobrimento”, possibilitando uma série de conexões entre os fatos. Nessa narrativa, é retratado o encontro entre duas culturas, a perplexidade do menino branco e da menina índia ao descobrirem as diferenças recíprocas. “E, assim, enquanto Tendy observava-o curiosa e surpresa, era também com surpresa e curiosidade que ele sorria para ela, admirado.” (SILVEIRA, 2003, p. 20).

Durante o processo de aculturação, muitas vezes forçado, diga-se de passagem, ocorre a destruição de algumas culturas. E, nesse processo de “descobrimento” do Brasil, houve um grande choque cultural, no qual os europeus se revelaram preconceituosos e racistas, pelo fato de os habitantes nativos serem distintos, de cores diferentes e costumes díspares. Na narrativa de Silveira, constatamos, em várias passagens, o choque cultural vivenciado

pelas personagens Tandy e Jã-Jã. “Os guerreiros e nativos [...] cercaram o menino [...] apalpam e cheiraram sua pele e suas roupas... [...] puxaram seus cabelos até o menino quase gritar de dor, falando coisas que ele não tinha a menor ideia do que eram.” (SILVEIRA, 2003, p. 19).

Outra passagem que destaca com intensidade a cultura indígena é quando Jã-Jã precisa ser pintado para se inserir no mundo de Tandy. “Logo Tandy, com seu grupo de amigos, puxou-o para brincar. Mas, antes a mãe da menina fez com que Jã-Jã se sentasse, quieto, pois queria pintá-lo. Não era bom nem bonito ele sair por aí sem se apresentar como deveria, enfeitado com as pinturas corporais da tribo.” (SILVEIRA, 2003, p. 25).

Assim, ao analisarmos como se deu o contato entre colonizados e colonizadores e o choque de ambas as culturas, destaca-se o fragmento onde Jã-Jã aprende o significado dos nomes dos amigos: “Aprendeu também que o nome de seus novos amigos tinha, cada um, um significado: Tandy... claridade. Chopi... o nome de um pássaro preto... Ipurû ... devorador de animais do mar.” (SILVEIRA, 2003, p. 26).

No que se refere ao hábito indígena de se higienizar com regularidade, tal fato causou estranheza e desgosto ao menino que não estava acostumado a tomar banhos toda hora, como gostavam os índios: “É que Jã-Jã não estava nada acostumado a entrar na água; até então podia contar nos dedos de uma mão quantas vezes tinha tomado banho na vida.” (SILVEIRA, 2003, p. 27).

Nos relatos oficiais, nota-se que os grumetes e degredados eram trazidos e forçados a ficarem nas novas terras para serem intérpretes dos europeus quando retornassem ao novo mundo. Aprender a língua do outro é condição fundamental para o conquistador. Dessa maneira, constatamos na obra a função que era designada aos grumetes:

Sua tarefa seria exatamente viver com esse povo da terra e aprender a língua e os modos deles. Depois, quando o capitão ou outros navios da França voltassem, ele poderia servir de intérprete, explicando para os índios o que os franceses queriam. [...] era só prestar atenção nos ruídos que os nativos faziam com a boca e ir repetindo esses ruídos do mesmo jeito, até que um dia, quando acordasse, já estaria entendendo tudo e falando igual. E aí estaria sabendo falar as duas línguas, a dos franceses e a dos nativos. (SILVEIRA, 2003, p. 19).

Pelo olhar literário, verificamos as visões divergentes sobre esse fato: a percepção dos marginalizados e excluídos da sociedade e a do colonizador. Para os grumetes que aqui ficavam, eles precisavam conhecer a língua, pois o conhecimento desta lhe proporcionava um duplo favorecimento: além de ser fundamental para sua sobrevivência nos trópicos, significava, ainda, a melhor maneira de conquistar, destruir e se apropriar dos “bens” dos autóctones. O objetivo dos colonizadores era distinto, visão de interesse e poder, conforme constatamos, a seguir, nos escritos da Carta de Caminha:

E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quizerem dar. E, pois, Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. (RODRIGUES, 2019, p. 41-42).

Ao observar a unilateralidade da escrita de Caminha e levando em conta todos os elementos elencados, tanto na narrativa de Silveira, quanto na de Macedo e Faustino, percebe-se a importância da literatura infantil e infantojuvenil aos estudos literários voltados à ressignificação histórica, com a finalidade de proporcionar aos alunos a leitura do passado histórico pela ficção e contribuir, dessa forma, com a descolonização e reflexão sobre o discurso do sujeito colonizador.

Considerações Finais

Com base no estudo realizado, podemos afirmar que as obras *Luana, a menina que viu o Brasil neném* (2000), de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, e *Tendy e Jã-Jã e os dois mundos na época do descobrimento* (2003), de Maria José Silveira, trabalham temas importantes, não só para a literatura, mas também para o povo brasileiro. O estudo, sob o viés da comparatividade, permitiu-nos entender como ocorreu o processo de colonização do autóctone

brasileiro, povo explorado e subjugado pelo colonizador. Segundo Foucault, “A comparação das obras nos permite observar o discurso no seu jogo e todo um feixe de relações se estabelecem na medida em que as obras se aproximam e se afastam, se cruzam ou se distanciam” (FOUCAULT *apud* NITRINI, 2000, p. 241).

A história da colonização do Brasil é abordada seguindo o discurso oficial que, na maioria das vezes, silencia muitas vozes, principalmente das consideradas minorias (índios, negros, mulheres e crianças), bem como desvela a visão discriminatória do estrangeiro para com o morador dos trópicos e com a sua cultura.

Dessa maneira, acreditamos que a literatura pode contribuir para desmistificarmos nosso olhar com a relação à história oficial perpetuada ao longo dos anos e buscar possibilidades para ressignificar o passado. Além disso, baseado em Fleck, podemos ressaltar que, “pela arte literária, nosso povo pode manifestar outras possibilidades de conceber o passado, a escrita híbrida de história e ficção converte-se em uma das mais críticas resistências dos povos antes colonizados” (FLECK, 2020, p. 70).

Foi possível perceber que a leitura das obras nos possibilitou a compreensão de que os discursos da história e da literatura se completam e que o discurso ficcional desmistifica alguns personagens históricos, mostrando a sua verdadeira face. Esse também é o papel da escola enquanto transmissora do conhecimento científico: promover uma releitura crítica do passado histórico oficial, uma vez que “[...] pensar historicamente é pensar crítica e contextualmente” (HUTCHEON, 1991, p. 121). Assim, concluímos que o discurso posto e oficializado na historiografia não altera o passado, porém, possibilita-nos desmitificar e desconstruir as verdades impostas e começar um processo de descolonização tão necessário na nossa sociedade e para a formação e humanização dos sujeitos.

Referências

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

- CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CANDIDO. *Literatura e sociedade*. 10.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- FLECK, G. F. *O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017a.
- FLECK, G. F. *A conquista do “entre-lugar”*: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007b.
- FLECK, G.F. América: uma construção discursiva – dos primeiros estereótipos aos caminhos da descolonização pelas resistências. IN: *Imagens da América: representações – expressões – resistências*. Orgs: Fleck, G.F.; Oliveira, M. da S.; Cerdeira, P. L. Curitiba: CRV, 2020.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LOPES, J. J. M. *Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: a contribuição da Geografia para o estudo das crianças e de suas infâncias*. Contexto & Educação, v. XXIII, n. 79, p. 65-82, 2008.
- MACEDO, A.; FAUSTINO, O. *Luana - A menina que viu o Brasil neném*. São Paulo. FTD. 2000.
- NITRINI, S. M. *Literatura comparada (história, teoria e crítica)*. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- RODRIGUES. L. G. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Petrópolis. Vozes, 2019.
- SANT'ANNA, V. L. L. *Livros: encontro marcado com o mundo*. AMAE educando. Belo Horizonte, v. 37, n.323, p. 32, maio, 2004.
- SILVA, K. V; SILVA, M. H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVEIRA, M. J. *Tendy e Jã-Jã e os dois mundos na época do descobrimento*. Belo Horizonte: Formato Editorial,2003.
- TUFANO, D. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 61.
- ZILBERMAN, R. *O papel da literatura na escola*. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>.